

*

ROMANCES DE CARÁTER PEDAGÓGICO: RETÓRICA DA PERVERSÃO DO SIGNO

NOVELS OF EDUCATIONAL CHARACTER: THE RHETORIC OF SIGN PERVERSION

Cássio Eduardo Soares Miranda¹

Ida Lucia Machado²

Resumo: A partir de conceitos provenientes de uma metodologia de análise do discurso de vertente francesa, discute-se o lugar da literatura de iniciação amorosa nos séculos XVIII e XIX, bem como seus efeitos visados sobre os leitores. A partir do tema central dessas obras, o amor será tomado como um referencial importante na formação das subjetividades do século XX. Partimos do pressuposto de que, dentre outras, a literatura exerceu a função de servir como uma espécie de manual e de gerenciador da vida em sociedade e que, na contemporaneidade, foi aos poucos sendo substituída pela mídia.

Palavras-chave: discurso amoroso; semiolinguística; literatura; subjetividade.

Abstract: From concepts from discourse analysis, discusses the place of literature initiation loving in the eighteenth and nineteenth centuries, as well as its effects on readers. From the central theme of these works, love will be taken as an important reference in the formation of subjectivities of the twentieth century. This fact is justified, since we assume that literature has had a function, among others, to serve as a kind of manual and manager of life in society and that, nowadays, she was replaced by the media.

Keywords: loving discourse; semiolinguistic; literature; subjectivity.

Introdução

Este artigo apresenta breves discussões sobre o amor na literatura. Nosso objetivo será o de demonstrar que toda uma construção discursiva foi realizada em torno do relacionamento entre homens e mulheres, pela literatura, até o final do século XIX e que o discurso literário, com seu crescente interesse pela subjetividade— e aqui referimo-nos especificamente ao romantismo —, o alargamento de temas e figuras, ainda hoje presentes nos vários meios de comunicação, passa a

¹ Pós-doutor em Análise do Discurso na Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da profa. Dra. Ida Lucia Machado, com bolsa da Fundação de Amparo em Pesquisa de Minas Gerais. Contatos: cassio.edu2007@gmail.com

² Professora Associada III da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais; coordenadora do Núcleo de Análise do Discurso da UFMG. Contatos: idalumachado@terra.com.br.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; MACHADO, Ida Lucia. Romances de caráter pedagógico: retórica da perversão do signo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 85-100, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

povoar o imaginário das pessoas com temas tais como a salvação pelo amor, casamentos, relações amorosas fadadas ao fracasso, adultério e também erotismo.

Para tanto, pretendemos discutir os modos de realização do contrato do discurso amoroso, a partir de conceituações provenientes da Teoria Semiolinguística do Discurso³. Procuraremos verificar como o contrato de comunicação global se realiza no que diz respeito ao universo literário constituído por duas obras que tratam das relações amorosas.

Faremos um breve percurso sobre como é tratado o tema “amor” em duas obras literárias, uma francesa e outra alemã: começaremos por *Ligações perigosas*, de Choderlos de Laclos para, em seguida, comentar um verdadeiro “fenômeno midiático” no campo do amor e do sofrimento, que é o famoso livro de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*.

Globalmente, tentaremos mostrar como o amor se constituiu como um tema predileto aos poetas e literatos de modo geral. Partimos do pressuposto de que a literatura exerceu uma função, dentre outras, de servir como uma espécie de manual e de gerenciador da vida em sociedade e que, na contemporaneidade, ela foi paulatinamente sendo substituída pela mídia. O fundamento base é a de que os escritos literários funcionaram como um manual de instrução sutil, ensinando homens e mulheres a amar. Desse modo, optamos trabalhar apenas com dois autores, de tempos e épocas diferentes, que trataram do amor em diferentes perspectivas.

Nos livros escolhidos cujas narrativas mostram cenários fascinantes ou familiares ao leitor, a presença de personagens que parecem ter existido na vida real, a descrição de conflitos, de experiências diárias, a presença de um herói que se movimenta na hierarquia social, promoveram uma identificação com os leitores, e, com isso, estabeleceram o sucesso de um gênero, o do romance epistolar e o do romance de confissão.

O discurso amoroso segundo Laclos

Antes de falarmos sobre o livro supracitado devemos esclarecer ao leitor o lugar de onde falamos e nossa posição enquanto analistas do discurso que não desprezam conceitos vindos da psicanálise. Ligamo-nos à corrente da análise do discurso francesa, mais especialmente, a de Patrick Charaudeau, como já foi dito. Na esteira deste teórico e, sintetizando bastante, diríamos que todo discurso se realiza em um determinado tempo e em um determinado espaço; que ele se relaciona

³ Para tanto, iremos nos basear em conceitos da Semiolinguística, teoria criada pelo linguista francês Patrick Charaudeau. As noções que citaremos no âmbito da análise do discurso virão pois, de livros e artigos deste teórico que já são amplamente conhecidas no universo dos estudiosos do discurso. Ainda assim, tomamos como pontos de referência escritos de Patrick Charaudeau em 1983, 1992, 1997, 2001 e 2004, devidamente especificados no item “Referências”.

com o fenômeno da encenação linguageira e que está ligado a um conjunto de saberes partilhados por sujeitos que devem ser reconhecer mutuamente e se implicar em um jogo linguageiro através de uma relação contratual.

O discurso, nesse caso seria por assim dizer, uma construção estabelecida a partir de um “contrato firmado” entre os parceiros de uma troca comunicativa, em torno de componentes mais ou menos objetivos, que são : a) um componente contratual ; b) um componente psicossocial ; c) um componente situacional.

Para a semiolinguística, aquele que detém a iniciativa do ato comunicacional é denominado *sujeito comunicante*. Tal sujeito enquanto ser social assume seu lugar de fala e, para se expressar, se desdobra em um *sujeito-enunciante*, ser de palavra. Lembremo-nos que todo ato comunicacional é concebido pelo *sujeito-comunicante* tendo em mente um sujeito ideal, denominado *sujeito-destinatário*. Se a ação comunicativa é a base da teoria semiolinguística, ela só ocorre na medida em que seus parceiros, ou seja, os já citados seres de palavras (*sujeitos-enunciante e destinatário*) estabelecem uma encenação linguageira.

Esta encenação que é um ato comunicacional busca produzir efeitos de sentido em um receptor que é reconhecido, na teoria em pauta, como *sujeito-interpretante*. Todos estes parceiros comunicacionais estão sempre ligados por uma relação contratual: há algo em jogo a ser defendido ou exposto pelas palavras, pelo discurso e isso deve ser feito segundo o contrato que se estabelece, no devido momento, entre tais parceiros.

Do ponto de vista dessa teoria analítico-discursiva, no que diz respeito ao universo literário que aqui nos interessa, vemos que o contrato que o rege é constituído por códigos implícitos ou explícitos próprios dos sujeitos envolvidos nos meandros do discurso amoroso.

Tanto nas “Ligações...” quanto em “Os sofrimentos...”, cada um a seu modo, vemos *sujeitos-comunicantes* (Choderlos de Laclos e Goethe) que tomam a iniciativa do processo de produção textual acionando *sujeitos-escretores/enunciadores* que constroem estratégias de captação e de convencimento para descrever/narrar questões que giram em torno do amor carnal ou espiritual.

No estabelecimento do contrato comunicacional romanesco, o enunciador se apropria de saberes que são provenientes de uma cortesia que sobrevive à época medieval e do ritual linguageiro que o tema exige. Desse modo, encontram-se nos textos palavras que constituem um percurso semântico e que mostram não necessariamente nesta ordem: o domínio amoroso da mulher sobre o homem; o do homem vencido pela força do amor; o do homem que usa estratégias semelhantes às militares para a conquista do “campo inimigo” (a “fortaleza” no caso sendo

representada pelas virtudes e bons modos que rodeavam as mulheres objeto do “ataque”); os encontros e desencontros amorosos; os momentos de plenitude do casal; a vingança de uns e outros, etc.

Todo contrato de comunicação possui uma dimensão interna e outra externa aos atos de linguagem ou ao discurso como um todo. Assim, se tomarmos o contrato literário como um macro-ato de linguagem, verificaremos que toda obra literária possui tanto uma dimensão objetiva quanto uma dimensão que se constrói na relação do leitor com a obra.

Em outras palavras : a situação interna à própria obra – aquela que narra as relações entre os personagens, os intercâmbios languageiros, enfim, o modo como se desenvolve a narrativa, como o projeto de fala do autor é concretizado - completa-se com uma outra situação externa à obra, – ou seja, aquela que trata de suas relações com seu público, do modo como o leitor é implicado, convocado e conduzido pela narrativa.

Do ponto de vista da situação externa, os romances do século XVIII possuíam, por vezes, uma função moralizante e assumiam uma postura utilitária. Neste percurso, o “para quê serve” tal ou tal uso ou troca languageira seria a questão fundamental de uma obra. Não podemos nos esquecer de que mesmo para os libertinos do século XVIII, ele era na França, o século das Luzes, em que aspectos morais e filosóficos de vida tornaram-se motivos de grandes debates. A conquista amorosa passava, pois pela difusão de uma certa cultura, de um certo saber, ligado a esse *air du temps*.

Assim, em “As ligações...” um dos possíveis “ para quê(s)” da obra pode ser localizado na lógica da condenação do vício e, principalmente, a nosso ver, na dimensão trágica que o amor encerra. Se libertinos como as personagens do Visconde de Valmont e Madame de Merteuil sabem se mover com extrema maestria no mundo das intrigas aristocráticas e suas paixões, pelo fato de ambos serem livres e hábeis estrategistas na arte de dominar homens e mulheres de seu tempo, através de discursos bem argumentados, o desfecho do livro constrói uma estranha lógica da fatalidade, em que a paixão vence a prudência militar tão preconizada pelos personagens. Com isso, temos uma ancoragem social que se manifesta no discurso pois se, de certo modo, « As Ligações... revelam uma certa intenção por parte da “dupla” *sujeito-comunicante/enunciante* em fazer sofrer as personagens (todas elas, vítimas e agressores), é importante notar que o sadismo que aparecia no livro poderia ser uma espécie de “eco do sadismo” ou melhor dizendo dos “fantasmas de sadismo” que existiam nos costumes ou nos devaneios eróticos da época.

Ao aplicar uma metodologia analítico-discursiva em uma obra literária somos levados, inelutavelmente, a considerar as condições de produção de tal discurso. Textos que falam do amor como o supracitado, inscrevem-se, pois, em termos semiolinguísticos, em uma *visada de instrução*,

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; MACHADO, Ida Lucia. Romances de caráter pedagógico: retórica da perversão do signo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 85-100, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

em que o *sujeito-comunicante* (ou autor) está em uma posição de autoridade construída a partir da autoridade conferida pela instituição literária, mas, mais ainda, trata-se de uma autoridade conquistada a partir das operações discursivas por ele realizadas.

Antes de passarmos ao próximo segmento, gostaríamos de explicar o que entendemos por “autoridade” nesse caso: o autor instaura-se como portador de um *saber-fazer* que deve ser adotado pelo receptor do discurso. Este saber-fazer refere-se ao ato sexual, evidentemente, mas também às suas primícias e às delícias proibidas que uma transgressão à moral e aos bons costumes pode trazer. Educar para “des-educar”, de forma “não-séria”⁴ poderia ser o lema de Valmont e de Madame de Merteuil em relação aos jovens que os cortejavam ou viviam em seu brilhante círculo de relações aristocráticas.

Uma brilhante e cruel guerra dos sexos: a sedução como arma absoluta do prazer

Por um lado, no âmbito das paixões amorosas, devemos reconhecer que os homens escreveram mais que as mulheres e isso durante um longo período de nossa história: assim, na literatura sobre o assunto, de modo geral, o modo de amar foi construído levando mais em conta uma visão e os desejos masculinos que os femininos⁵. Por outro lado, de acordo com Goulemont (1991), uma nova legitimidade da escritura se instaura, a partir da *mise-en-scène* que aparece nos romances, e é ela que visa a criar o efeito de verdade do texto literário.

É isso que faz Laclos ao utilizar a “Advertência do editor” em suas “Ligações...”. Ele seduz o leitor ao negar o caráter de “romance” do livro e ao tentar levá-lo a crer que este é uma verdadeira coletânea real de cartas. Assim, a estratégia de captação lançada pelo *sujeito-comunicante* é fundamental para o estabelecimento de um certo “efeito de verdade”, e no caso de “As Ligações...” é a pseudodivulgação da vida da aristocracia com seus modos de amar – “divulgação” marcada por determinados índices textuais, como data, nomes, lugares - que corrobora para a obtenção de tal efeito⁶.

Em um caráter intertextual, o romance epistolar de Chardel de Laclos narra o duelo estabelecido entre dois membros da nobreza francesa, a Marquesa de Merteuil e o Visconde de

⁴ Insistimos no fato de que o sintagma “não-sério” é bastante irônico e inclui uma grande dose de jogo: para as personagens principais de “As ligações...” tal jogo é algo que levam a sério, mais ainda, algo que preenche o vazio de suas vidas.

⁵ Apesar de brilhantes exceções tais como: Marie de France (na Idade Média francesa), Louise Labbé (no Renascimento), George Sand (no século XIX) e outras.

⁶ Sobre os diferentes “efeitos”, sugerimos ao leitor consultar Patrick Charaudeau, *Grammaire du sens et de l’expression*, Paris, Seuil, 1992, p.663.

Valmont, que foram amantes no passado e gozam dos privilégios obtidos por suas condições sociais. Em um debate estabelecido por meio de cartas, ambos narram suas experiências e estas narrativas epistolares constituem o corpo da intriga. No entanto, por mais rivais que sejam, há uma diferença na condição de ambos : o Visconde é um homem, o que lhe garante uma posição muito mais confortável em sua libertinagem. A marquesa, como mulher, mesmo sendo um ser livre (em relação às outras mulheres de seu tempo) ao rivalizar com o Visconde no terreno da libertinagem e da alcova é por vezes mais restrita à prática da dissimulação que ele, uma vez que busca com maior ênfase preservar seu *status* social, civil e sexual; mas não se pode negar que tanto um como outro se conduzem movidos pela duplicidade e pelo jogo das aparências.

Uma comparação entre Rousseau e Laclos, enquanto autores de romances “educativos” (cada um a seu modo) se impõe: se Rousseau narra os costumes do seu tempo, as perversidades e aberrações de seus personagens no intuito de, ao final, salvá-los pela aquisição da virtude, Laclos descreve a corrupção em suas páginas, com seu caráter de “desvirtude”, acusando, de certo modo, os membros de uma aristocracia em fase de decadência. Haveria em Laclos um fundo de moralista? Questão difícil que merece um maior estudo. Uma coisa, porém é certa: Laclos, ser social, parece oscilar entre o amor e o desprezo por suas duas personagens principais, por mais fortes e bem desenhadas que sejam.

A tendência “erótico-pedagógica” nas letras européias, que tem em *As ligações perigosas*, um excelente representante, mostra os desejos ou os fantasmas de desejo de uma elite às voltas com a volúpia sensual e o uso de técnicas cada vez mais apuradas de conquista e realização sexual. O que essa corrente trata é o amor nos salões baseado nos códigos de etiqueta aristocrática-cortesã, amor aparentemente sensível, mas, que disfarçava as mais perversas formas de sedução. Neste viés, o coração conta menos que o sexo e “o laço entre a hipocrisia das convenções, próprias às camadas ricas, e a tensão erótica que elas contribuem a reforçar, fornecerá o tema essencial da libertinagem” (DEL PRIORE, 2005, p. 84).

O desfecho do romance de Laclos assume uma configuração patêmica e ao mesmo tempo irônica e, com isso, é capaz de instaurar uma “pedagogia” no campo amoroso. Laclos pune o vício mas não exalta a virtude e com essa estratégia desperta terror e piedade. Um fato interessante a ser notado encontra-se na punição da marquesa que, acometida por varíola, perde sua beleza, essencial para a conquista amorosa...Castigo impiedoso que um autor homem infringe a mulher libertina, no caso, pior que a nobre morte por amor, em um duelo, que foi o castigo de Valmont.

Talvez a punição do vício apareça não para, necessariamente, exaltar a virtude, mas para, sobretudo, denunciar os perigos de se render à paixão. Parece-nos, então, que a “lição” presente na

obra, ou em termos semiolinguísticos, o contrato estabelecido entre os libertinos seria : goze os prazeres e delícias da vida, mas não se apaixone: este é o grande erro. É evidente que, de algum modo, como um digno representante da literatura libertina do século XVIII francês, o livro de Laclos sirva para divulgar o jogo dialético argumentativo que era um ponto de honra no século das Luzes e seja também uma crítica à religião e à monarquia.

No entanto nem tão sombrio é Laclos quanto ao amor verdadeiro: devemos reconhecer que este surge como uma “revelação” para Valmont, ao perceber que ama de fato Madame de Tourvel. O amor enquanto algo inesperado é um traço característico de um discurso romântico... Atrás do estrategista militar do amor perverso que foi Laclos, haveria um fundo “pré-romântico”? Por que não? Lembremos para confirmar essa (ousada) hipótese que, no livro, quem ama são os ingênuos : é o caso de Cécile e de Danceny (cartas XVII e XXVIII)⁷ : “[...]ela [Cécile] já ama seu Danceny com furor, mas não o sabe ainda. Ele [Danceny] mesmo, embora muito apaixonado, tem ainda a timidez da idade e não ousa dizer-lhe quanto fora preciso”, diz a marquesa de Merteuil na carta XX. (p. 46).

A partir da situação interna da obra, a narrativa se desenvolve com a construção de personagens que possuem um domínio apurado da retórica. Se de um lado Valmont aparece como alguém que narra suas aventuras de conquista, de outro, ele instaura uma ética do sedutor clássico : aquele que seduz sua presa não pelo prazer de possuí-la, mas pelo prazer de seduzí-la. É evidente que o uso das estratégias de sedução de Valmont inclui o fazer-prazer no seu parceiro da troca mas, a finalidade última é seu próprio prazer. Como se sabe, a sedução não é a mesma coisa que a conquista amorosa, mas é uma promessa que pretende se cumprir.

Segundo Kehl (1988), o sedutor apresenta ao seduzido promessas de retorno à uma infância feliz, promessas para restaurar a ferida narcísica do outro. No entanto, o seu início é o da lembrança da dor da ferida. O sedutor começa tocando na ferida do seduzido para depois mostrar a ele que possui a máquina que o fará retornar ao tão desejado tempo da infância feliz. Para Kehl, tal estratégia só tem efeito quando o sedutor acredita em uma mentira fundamental : a de que ele não foi castrado e, sendo inteiro, pode ser o representante deste paraíso perdido.

Assim, na construção dos traços psicológicos do Visconde de Valmont, ele próprio se apresenta como um sedutor, que tem seus objetivos e os cumpre : “ [...] conquistar é nosso destino, e cumpre realizá-lo...” (p.23). Para tanto, o Visconde se lança no jogo amoroso sustentado pela dimensão da farsa:

⁷ A obra de Laclos aqui utilizada é uma tradução brasileira feita por Sérgio Millet: *As ligações perigosas*. São Paulo: DIFEL, 1971. Dela extrairemos todas as citações.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; MACHADO, Ida Lucia. Romances de caráter pedagógico: retórica da perversão do signo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 85-100, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Eis-me, portanto, há quatro dias, entregue a uma grande paixão. Sabeis como desejo vivamente e como devoro os obstáculos ; mas o que ignorais é quanto a solidão aumenta o ardor do desejo. Tenho necessidade de possuir essa mulher para redimir-me do ridículo de estar enamorado dela (Carta.....p.24).

Para Valmont, a mentira se sustenta com base na negação do amor e na afirmação do desejo, a partir de uma posição narcisista em que ele diz possuir exatamente aquilo que a mulher quer ter : “ O homem sedutor escolhe a mulher como aquela que *merece* ser brindada com seu falo – ele a faz acreditar que é melhor que todas. Para isto, como um bom dom Juan, o sedutor precisa de currículo ” (KEHL, 1988, p. 420).

É nesta posição que encontramos, tal como Don Juan, um Valmont conquistador que não se apaixona e prefere seduzir e conquistar a alma de suas amantes. O que Valmont faz é viver no universo das aparências e da ação e, ainda, marcar seu lugar em uma aristocracia francesa. A eficácia das estratégias de Valmont é tal que a presidenta de Tourvel enamora-se dele e desconsidera os alertas feitos por todos, em relação ao caráter de Valmont: “Este retrato difere muito do que me fazeis, e, no entanto, podem ambos ser parecidos em se lhes fixado datas. Ele próprio convém em que errou muito, e, sem dúvida, outros erros lhes terão atribuídos ” (Carta...p.36).

O fato de levar sua “vítima” a ter piedade dos erros de seu passado funciona como uma estratégia de captação e sedução para o astuto Visconde. Ele não nega o que todos diziam a seu respeito, antes, assume seus falsos passos para, em proveito próprio, mostrar-se como alguém que passa por uma transformação e tudo isso por causa do amor que Madame de Tourvel lhe inspira.

Antes de apaixonar-se por esta mulher, Valmont⁸ tentava marcar sua posição no universo aristocrático através da conquista desenfreada das mulheres e, para ele, pouco importava o gozo sexual ou o amor, uma vez que o que ele buscava era uma glória narcísica.

Por sua vez, Mme de Merteuil aparece como uma mulher que se destaca das mulheres de sua época, repetimos, e que, por assim dizer, passa a agir como um homem para ser « mais livre »⁹, ela desafia os costumes e os lugares destinados à uma mulher de sua época. Seu modo de agir implica em uma posição de resistência ao discurso dos sedutores que habitualmente usavam as mulheres e, em seguida, as descartavam. Colocada como aquela que “ [...] nascida para vingar meu sexo e

⁸ A nosso ver, o comprometimento de Valmont – e também da marquesa – ao padrão de vida aristocrático faz com que ele reduza o discurso amoroso a um constante fazer sedutor e galante. Tudo isso sem sofrimento, pois é o ideal de vida aristocrático que conferia sentido às suas vidas.

⁹ Conforme já dito, Madame de Merteuil “faz-se homem”: inverte os papéis, vinga-se da opressão masculina recorrendo às mesmas armas dos homens. Para Chordelos de Laclos o caminho autêntico refere-se ao caminho revolucionário, que não necessariamente coincide com o caminho do mal. Madame de Merteuil, de vítima, torna-se agressora.

dominar... ” (Carta...p.), ela é a mulher que não se curva à sentimentalidade do amor. É oportuno notar que Mme de Merteuil foi educada a partir dos manuais em uma biblioteca, segundo uma tradição já existente. No entanto, afirma que o gosto pelos estudos foi sua saída, pois estudou “ [...] os costumes nos romances, nossas opiniões nos filósofos, procurei até nos moralistas mais severos o que exigiam de nós, e assegurei-me, assim, do que se podia fazer, do que se devia pensar e do que era preciso parecer ” (Carta...p.). De posse de tais conhecimentos, coloca-se como uma mulher que destoa das mulheres de seu tempo que, assujeitadas à tradição, à igreja e à sua posição submetiam-se aos homens. Madame de Merteuil reivindica o prazer. Livre, revolucionária a seu modo, ela é o oposto de Madame de Tourvel, que tinha (antes de ser seduzida por Valmont) escolhido como caminho de vida a prudência, a contenção...e evidentemente o não-prazer. O contrato dos dois libertinos é rompido justamente por esta ajuizada personagem, o que não deixa de ter um sabor irônico.

No entanto, conforme já dito, no livro, a lógica libertina acaba dando lugar à lógica da paixão e, com isso, Laclos antecipa certos elementos do amor romântico. Em síntese, *As ligações perigosas* apontam para uma perversão da retórica, em que a lógica da sedução - com suas estratégias de dissimulação, jogo e captura discursivos – prevalece mas, ao mesmo tempo, com suas personagens cada vez mais humanizadas constrói uma concepção de amor como um desastre, uma punição. Parece-nos, desse modo, que a prescrição feita por Chardelos de Laclos é: seduza, conquiste, dissimule e não ame, pois, se isto acontecer, o enamoramento lhe será uma desgraça. É a lógica militar aplicada a não-lógica amorosa.

O amor sob o signo do sofrimento: o discurso amoroso segundo Goethe

Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, Johann Wolfgang Von Goethe ([1774]2002) mostra o gozo do sofrimento no amor e, do mesmo modo que Laclos, representa o amor de uma certa classe social – a nobreza – que desejava que seu amor servisse de padrão identificatório para as massas. Com uma escritura original, Goethe apresenta um texto de experiência e confissão: “[...] a visão de que uma obra é tanto mais verdadeira e convincente quanto mais diretamente o autor nela se revelar [são aspectos que] fazem parte da herança intelectual de Rousseau”. (HAUSER, 2003, p. 572).

Assim, pode-se dizer que “Os sofrimentos...” assume um caráter máximo de condensação do subjetivismo rousseauiano e da contradição constante entre sonho e realidade, entre a vida prática e onírica e diversas outras polaridades da vida burguesa. Em suas memórias, Goethe (1971), destaca que as condições de produção de seu livro – livro que provocou tamanho impacto na juventude de

sua época – apontam para uma juventude alemã cercada por um ambiente mórbido, sem objetivos claros, sem oportunidade de produzir grandes feitos e ainda nutridos por sentimentos lúgubres, provenientes principalmente da literatura inglesa¹⁰. É nesse entorno que Werther, personagem cujo suicídio transformou o seu amor em um dos mais celebrados pelos estudos acadêmicos, escreve a seu amigo Wilhelm: “Às vezes não compreendo que possa outro amá-la, que ouse amá-la, quando eu, somente eu, a amava, de um amor tão ardente, tão completo! Quando não conheço ninguém, nada sei, e não tenho a não ser Lotte!” ([1774]2002, p. 77)¹¹.

A nosso ver, o centro de *Os sofrimentos...* é exatamente o citado acima: é o do enamoramento de Werther por Charlotte. É este o fulcro da obra, o ponto para o qual o olhar do leitor se dirige: o desejo do escritor nele se apresenta... Mas este belo momento desencadeará um “ponto de ignorância”, uma vez que o escritor não sabe de seu desejo. É aqui, justamente, que a presença de um estilo de amar será fundado no romance em pauta, aquele do sofrimento, da dor, da falta. É este o centro que será tomado como ponto de captura de milhares de jovens por toda a Europa que encontraram em Werther um elemento de identificação.

É sabido que “Os sofrimentos...” despertou uma comoção muito grande em sua época, sobretudo nas mulheres e nos jovens. Os elementos ficcionais desse romance captaram o público dessa época, e o romance constituiu-se como um “verdadeiro fenômeno midiático” e foi, inclusive, acusado de ser o desencadeador de vários suicídios entre jovens, além de promover a venda de casacos e canecas “pertencentes” a personagem Werther. Tal fato deve-se, além de alguns citados acima, ao caráter mais lírico de Goethe (em comparação ao livro *La Nouvelle Héloïse*, de Rousseau, por exemplo) e ainda ao fato de a gênese do romance estar ligada ao entrelaçamento da vida com a obra do autor. Marcado por um amor impossível já que Charlotte encontra-se comprometida com outro, Werther é aquela personagem que ama o amor, ama a impossibilidade de acesso ao objeto amado e sublima a dimensão da sexualidade presente nas relações amorosas. O modo de amar de Werther sustenta-se na punição da sexualidade e do ocultamento da relação sexual:

Inspirada pela mitologia medieval e cortesã, a paixão pré-romântica, ilustrada por Werther de Goethe, publicado em 1774, insistia em punir a sexualidade. Quando o filósofo Rousseau, por sua vez, introduz o que pensava sobre o amor para uma sociedade aristocrática em busca de prazeres, suas preocupações de valorizar a inocência e a virtude

¹⁰Goethe cita a obra de um Edward Young, que escreve poemas inspirados pela morte da esposa e de dois de *Seus* enteados, o que o fez assumir uma atitude niilista e adotar um modo de vida solitário e entristecido e que teve grande impacto sobre a juventude alemã.

¹¹ Todas as citações do romance de Goethe foram buscadas na tradução brasileira da obra feita por Erlon José Paschoal: *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

apenas reiteram uma longa tradição de idealização, correspondente, sobretudo, à vontade de esconder, se não de esquecer, o ato carnal. (DE PRIORE, 2005, p. 84)

Tal amor – sofrido, inacessível, marcado pelo abandono desde o início – conduz o jovem Werther à morte e o caráter epistolar do romance (como no caso das “Ligações...”) confere à narrativa o selo da autenticidade. Na mesma perspectiva apontada para a idéia de que a literatura é o lugar onde algo de um gozo indizível do autor se manifesta, pode-se dizer que a escritura de “Os sofrimentos...” significou a salvação para Goethe¹²: “[...] o que o salvou foi a bala que matou seu herói” (ANGELLOZ, 2007, p. XXVIII).

Pensar a obra de Goethe no campo do discurso e principalmente, do discurso amoroso nos leva a abordá-lo pelo viés de uma forma de escrita que apresenta uma moral e vários elementos de sedução ou captação do leitor. Tais elementos podem ser explicados pelo fato de Goethe dar a sua personagem traços que já caracterizavam grande parte dos jovens europeus: em termos semiolinguísticos, Goethe produz um macro ato de linguagem no qual é lançada uma “aposta”: seu leitor imaginário (o *sujeito-destinatário* sobre o qual falamos na primeira parte deste artigo) terá grandes chances de se encontrar com o leitor real (o *sujeito-interpretante*, ib.). E foi isso que realmente aconteceu e que explica o sucesso da obra.

Além disso, já no prefácio do livro em pauta, vê-se uma interpelação que o autor (*sujeito-comunicante*) lança habilmente ao leitor: “E tu, bondosa alma, que te sentes tão angustiada como ele, consola-te com os seus sofrimentos, e permite que este pequeno livro se torne teu amigo, se por destino ou culpa própria não tiveres outro mais achegado!” (GOETHE, [1774]2002, p. 3). Como sabemos, tal interpelação convoca o leitor a “entrar” na obra, e estabelece um contrato de aproximação, contrato este centrado na angústia: o jovem angustiado (leitor) deverá se unir a Werther (a personagem angustiado). E pelo número de suicídios reais que dizem o livro ocasionou, vemos que, ironicamente, o contrato funcionou...

A estratégia proxêmica de tratar o leitor como um próximo – o uso do “tu” – estabelece uma relação entre o livro e o leitor. Se o sinalizador pronominal funciona como esse índice de aproximação, não é tal sinalizador que faz a totalidade da interação, mas sim, repetimos, o caráter angustiado que é dado à escritura, como um todo.

¹² Para melhor acompanhar tal discussão, basta verificar a biografia de Goethe, assim, como seu livro *Memórias: Poesia e Verdade*, além de diversos estudos a ele dedicados, para se verificar como *Os sofrimentos...* significou para ele uma espécie de depuração. Nas *Mémoires*, Goethe afirma que após escrever o livro sentiu-se livre, como se tivesse feito uma confissão em regra. Não se trata aqui de fazer uma psicobiografia, mas de tentar elencar elementos que levam às condições de produção do discurso amoroso do livro que agora nos interessa.

Além disso, a verossimilhança construída por Goethe no início do livro confere à obra um caráter de autenticidade e atinge o sistema de referências do leitor: “Com zelo e dedicação coligido tudo quanto me foi possível encontrar a respeito da história do pobre Werther, e aqui vos apresento o fruto de minhas buscas, na certeza de que me agradeceréis” (Goethe, 2002, p.3). O que se tem, então, é um *Sujeito-Comunicante-Goethe* que produz um texto para um *sujeito-destinatário* inscrito em sua obra, sujeito este previsto como jovens do mundo real que já se encontravam angustiados antes da leitura de “Os sofrimentos...”, talvez influenciados não só por Young, mas também por uma certa morbidez de Shakespeare, sobretudo pela peça *Hamlet*, sobre a qual Goethe diz:

Nosso pai e mestre Shakespeare, que sabe difundir uma alegria tão pura, contribuía também para fortalecer essa hipocondria. Hamlet e os seus monólogos ficavam como fantasmas que não cessavam de assombrar todas as imaginações jovens. Cada qual sabia de cor as passagens principais e comprazia-se em recitá-las; e cada qual julgava que devia ser melancólico como o príncipe da Dinamarca, sem contudo ter visto como ele nenhum espectro e sem ter um pai augusto a vingar (GOETHE, 1971, p.447).

São essas imaginações jovens que o *sujeito-comunicante-Goethe* acaba por atingir. Aliás, ele mesmo estava cômico de que se sua obra surtiu tal efeito foi por esta estar afinada “[...] com todas as almas e [porque] exprimia aberta e claramente o segredo de um mórbido devaneio juvenil” (GOETHE, 1971, p. 447).

Outro fator importante na dimensão situacional que entrou em causa na composição da obra, foi o suicídio de Karl Jerusalem, que nutria um amor impossível por uma mulher comprometida, o que causou forte impacto em Goethe. Temos, assim, os elementos principais que entraram na composição da obra: o suicídio de um amigo, o amor impossível de Goethe por uma mulher e a “atmosfera” espiritual da época. Estes três elementos, construídos em uma narrativa epistolar, garantem, a nosso ver, o caráter patêmico da obra, ainda hoje.

O que pensar do amor que sente o jovem Werther? Qual é a prescrição de amor que aí se encontra? A situação vivida pela personagem serve de modelo de conduta para os leitores, que se identificam com ela e passam a assumir um amor que não ousava se revelar. Trata-se de um amor infeliz, por uma mulher inalcançável, um amor que coloca a impossibilidade de sua realização em primeiro plano; o objeto amado encontra-se em posição secundária. Se o trabalho de Goethe faz eco a um Dante, em que Beatriz é a dama inacessível, Goethe não coloca Charlotte ao lado da divindade, antes, a coloca separada por um homem que a possui e a ama e, por isso mesmo, impossível de ser vencido. Em linhas gerais, o amor para Werther é puro sofrimento e nele podemos encontrar o percurso semântico da falta de esperança, do distanciamento, do impossível de se realizar, do amor enquanto dor e, por fim, do amor enquanto ameaça à vida.

Se existe uma disposição natural nos humanos para amar, o que se investiga aqui é a criação de um “sentimento de mundo” construído em torno do amor. Como se percebe até aqui, os constituintes afetivos, cognitivos, emocionais e conativos do amor não são fixos e determinados pela natureza. O amor é uma construção. Constrói-se o amor do mesmo modo que se constrói uma estrutura de pensamento voltada para a destruição ou ainda, como se constrói uma obra de arte ou uma poesia. Ama-se de modos diferentes em função das culturas diferentes e dos momentos históricos também diferentes.

Entretanto, no Ocidente, parece-nos que o amor é “metonímico”, pois, desde o mito de Tristão e Isolda ele é visto como algo arrebatador, recíproco e infeliz e existe uma equivalência entre amor e sofrimento: a paixão é equivalente ao sofrimento. Amar é ter obstáculos a superar e a realização do desejo amoroso, através do envolvimento total dos amantes só pode se dar na morte. O que se constata, em Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Dante e Beatriz e as personagens de *Os sofrimentos do Jovem Werther* é que os amantes desejam seus próprios amores e estão apaixonados por sua própria paixão. Embora o amor seja recíproco, ele equivale à paixão e os amantes têm diversos obstáculos e dificuldades pela frente. Sendo assim, a excitação é um tanto quanto aumentada quanto mais a realização amorosa é adiada pela oposição.

Isso nos leva ao amor cortês, da Idade Média. Neste amor, a espera da concretização do ato sexual era demorada, adiada e por vezes até impossível de acontecer. O mito de Tristão e Isolda (século XII) vai entrar nos séculos seguintes e mesmo chegar ao nosso, marcando certas narrativas, não mais de um amor impossível, mas de um amor desejado, pois, como se tentará demonstrar, é isso o que a contemporaneidade proclama: não se pode ser feliz hoje sem se viver um grande amor.

Note-se que os textos literários consolidaram os códigos de amor no Ocidente. A fidelidade e o segredo manifestados pelo amor cortês, a busca permanente da beleza e a morte presentes na vida dos amantes permanecem como marcas do amor que se traduz em palavras. São códigos de amor que a Literatura consolidou, moldando o sujeito amoroso ao longo dos séculos.

No século XIX, o amor tem a função de sustentar a família nuclear e liga-se pela prole à sociedade, o que garante a manutenção do ideal burguês. A força do contrato de casamento, a presença de oficiais, o princípio da indissolubilidade, o regime de legalidade começou a reger os sentimentos de um modo mais organizado.

Se tais elementos tratam de uma Europa distante, no Brasil não é diferente. Del Priore (2005) fornece elementos para se levantar questionamentos quanto à natureza do amor entre homens e mulheres, por exemplo, onde o desejo aparece, e, ainda, em que medida a vida amorosa dos antepassados se difere da vida amorosa contemporânea. Segundo essa autora, as diversas

mudanças ocorridas desde a década de 70 no Brasil, tais como o aparecimento da pílula, as discussões em torno do aborto, a progressiva saída da mulher para o mundo do trabalho, a reprodução assistida, a exposição de corpos nus e seminus na mídia mudaram a vida das pessoas e o modo como elas enxergam o amor.

Entretanto, foi através de um progresso lento que tais posições foram sendo forjadas, sobretudo a partir do século XIX, quando a idéia de casamento com uma pseudo-sexualidade realizada se constituiu como pilar de uma pseudo-felicidade conjugal. Deve-se notar que, na burguesia em geral, do século XIX até os anos 50 do século XX a idéia de “casamentos-contratos de interesse” foi muito forte.

Até agora, o que tentamos demonstrar, através de alguns exemplos elucidativos, é que o amor é uma construção tempo-espacial, que segue uma lógica marcada pelas modificações políticas, econômicas e sociais de um dado período. Com isso, afirmamos que o amor não é um sentimento imutável ao longo da história e sua manifestação encontra-se, ainda que precariamente, vinculada ao seu tempo. O amor faz parte dos diferentes “discursos sociais”, nesse sentido.

Acreditamos que a vida que se revela nos livros permite-nos dizer que existe, ao mesmo tempo, um contrato social e discursivo que nos fornece elementos que nos possibilitam verificar as “prescrições” dadas em torno dos modos de amar de uma dada época e, com isso, podemos localizar o fundamento do contrato ou dos contratos estabelecido nas narrativas literárias.

Considerações finais

Iniciamos nosso trabalho com uma breve discussão sobre o amor na literatura. Nosso objetivo foi o de demonstrar como as obras literárias, de certo modo, constituíram-se como uma espécie de manual prescritivo em relação ao “saber-amar”. Verificamos que a realização do contrato do discurso amoroso, a partir de conceituações provenientes da Teoria Semiolinguística do Discurso, relaciona-se, de algum modo, à perspectiva da educação sentimental. Assim, o contrato de comunicação global se realiza a partir do reconhecimento, pelo *sujeito-interpretante*, das visadas prescritivas encontradas no universo literário constituído por obras que tratam das relações amorosas.

Ora, de alguma maneira, conforme apontamos, ainda que sucintamente, o amor se constituiu como um tema predileto aos poetas e literatos de modo geral e, de certa maneira, a literatura exerceu uma função de manual e gerenciador da vida em sociedade e que, na contemporaneidade,

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; MACHADO, Ida Lucia. Romances de caráter pedagógico: retórica da perversão do signo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 85-100, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

ela foi substituída pela mídia¹³. Assim, nos dias de hoje, revistas tais como *Nova*, *Play-boy*, *Vip* e mesmos as tradicionais *Claudia* e a popular *Ana-Maria* (entre outras) fornecem uma lista de conselhos sobre as artes e artimanhas da conquista feminina ou masculina. Antigos valores dos anos 50 convivem, lado a lado, com listas que visam a provocar apelos eróticos nos parceiros(as), tudo isso ilustrado por belas criaturas em poses sensuais.

Mas diferentemente dos dois romances abordados, trata-se aqui de manter viva a chama do amor e do desejo nos respectivos parceiros: temas como a morte (como salvação) e outros do gênero são evitados. Os novos manuais são rápidos e vêem o amor como um “sonho de consumo” ou algo a ser consumido e...porquê não? Algo a ser substituído rapidamente. Evidentemente, os novos manuais pecam por sua falta de estilo, beleza e graça estética que havia na literatura do passado. No âmbito de “literatura pedagógica amorosa” surgem, no entanto, e cada vez mais, manuais de “auto-ajuda”... Uma nota curiosa para terminar: em Paris, atualmente, já há alguns anos, que os livros de Paulo Coelho figuram quase todos, em prateleiras de livros desse tipo e que alcançam excelentes vendas.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours*. Paris : Hachette, 1983.

_____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris : Hachette, 1992.

_____. *Le Discours d'information médiatique*. Paris : Ina-Nathan, 1997.

_____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo horizonte, FALE, 2001.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. En I. L. Machado & R. de Mello (Eds.), *Gêneros reflexões em análise do discurso* (pp. 13-41). Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

GOETHE, J. W. *Memórias: poesia e verdade*. Vol. 2. Tradução de Leonel Vallandro. Porto, 1971.

_____. *Os sofrimentos do jovem Werther*. 2.ed. Tradução e notas de Erlon José Paschoal. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GOULEMOT, Jean Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das letras, 1991. pp. 371- 405

¹³ Cf. MIRANDA, 2008.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; MACHADO, Ida Lucia. Romances de caráter pedagógico: retórica da perversão do signo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 85-100, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Masculino/feminino: o olhar da sedução. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 411- 424.

LACLOS, Chordelos de. *As ligações perigosas*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1971.

MACHADO, Ida. Lucia. Uma teoria de análise do discurso: a semiolinguística. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (orgs.). *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG, 2001. p. 39- 62.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. *Uma abordagem do discurso amoroso na ótica da análise do discurso e da psicanálise* (tese de doutorado). Faculdade de Letras/UFMG. Belo Horizonte, 2008. 358p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *L'Emile*. Paris : Hachette, 1998. 1a edição em francês : 1762.

_____. *La nouvelle Héloïse*. Paris: Hachette, 1995. 1a edição em francês: 1761.

Recebido em julho de 2012.

Aceito em agosto de 2012.